

***A história na biografia: estudo sobre a metodologia e estilo das fontes
utilizadas por Plutarco na Vida de Demóstenes***

**The *Historía* in Biography: A Study on the Source Methodology and Style in
Plutarch's *Life of Demosthenes***

Emanuelle Alves Melo
Universidade de Brasília, Brasil
emanuelle.melo17@gmail.com

Grupo RHETOR: Grupo de estudos de Retórica e Oratória Grega
Sob orientação da Prof. Dra. Sandra L. R. da Rocha

Resumo: Este trabalho objetiva mostrar elementos historiográficos na *Vida de Demóstenes*, de Plutarco, analisando as referências utilizadas pelo autor. Primeiramente, verifica-se certa semelhança na escrita dessa biografia com uma forma narrativa descrita na *Retórica*, de Aristóteles (1416b21), pois nos relatos historiográficos não é produzida *tékhne*, enquanto nos da oralidade, é produzida. Ao observar esses relatos, verifica-se que, quando há referências provenientes da oralidade e da escrita juntas, Plutarco prefere esta àquela; quando há somente relatos orais, ele pode desenvolver críticas ou demonstrar preferências. Ao analisar a *Vida de Alexandre*, outra biografia de Plutarco, o autor pode posicionar-se contra relatos provenientes de historiadores, preferindo as cartas do próprio Alexandre. Após a análise dos relatos das biografias, verifica-se que Plutarco demonstra cuidado ao expô-los. Ambos os textos se assemelham em relação à narrativa, mas o posicionamento de Plutarco na biografia de Alexandre, utilizando as cartas do biografado não ocorreu na *Vida de Demóstenes*.

Palavras-chave: biografia antiga; historiografia antiga; Plutarco; escrita; oralidade.

Abstract: This work unveils historiographical elements in Plutarch's *Life of Demosthenes* by exploring the references used by the author. At first, a certain similarity can be noted between this biography and a narrative form described in the *Rhetoric*, by Aristotle (1416b21), for whom *tékhnē* is produced in oral speech, not in historiographical accounts. Yet, when references are both oral and written, Plutarch favors the latter, while, when they are only oral, he may develop criticisms or show preferences. In *Life of Alexander*, another biography by Plutarch, the author sometimes prefers letters written by Alexander himself over other historians' reports. Analyzing these biographies reveals that Plutarch is quite careful when he exposes such accounts. Although both texts look alike when it comes to narrative, Plutarch's position to use the biographee's letters in *Life of Alexander* is nowhere to be found in *Life of Demosthenes*.

Keywords: ancient biography; ancient historiography; Plutarch; writing; orality.

Este trabalho tem como objetivo mostrar como se manifestam elementos historiográficos na *Vida de Demóstenes*, uma das biografias escritas por Plutarco. Aspectos historiográficos podem ser exemplificados através das referências utilizadas pelo biógrafo e, ao analisá-los, verifica-se que há diversos tipos de comportamento, como posicionamentos críticos, escolhas, ou somente a exposição do relato. A análise desta biografia será comparada com a de outra biografia, escrita pelo mesmo autor, a *Vida de Alexandre*, e vamos verificar que não há uma forma precisa de Plutarco para a construção dos relatos.

Antes da análise dos aspectos historiográficos da *Vida de Demóstenes*, serão desenvolvidos alguns comentários acerca da história e da biografia enquanto gêneros textuais, apresentando suas diferenças, objetivos e destacando que elas discutiam assuntos totalmente diferentes, pois tanto os autores de histórias quanto os de biografia tinham plena consciência do que estavam escrevendo. Porém não se trata de gêneros que não tenham em si alguma relação, pois eles podem ocorrer em um mesmo texto.

Após essas considerações iniciais, serão analisadas as duas biografias de Plutarco supramencionadas, nas quais poderemos verificar situações em que podemos certificar a ocorrência de um trabalho investigativo e cuidadoso da parte do autor, ao expor os relatos.

A relação entre a história e a biografia

Tanto a biografia quanto a história, enquanto gêneros textuais, surgiram no século V a. C., porém a primeira era menos prestigiada que a segunda. Esse desprestígio ocorreu devido à falta de interesse dos Atenenses nas descrições de detalhes pessoais, pois, segundo Barrera¹ (p. 193), nesse período, o historiador narrava vários relatos de natureza política e militar a fim de preservá-los do esquecimento. Nessa época, a historiografia tem como expoente Heródoto, que narrou sobre as Guerras Pérsicas em sua obra *Histórias* e é considerado, segundo Cícero, como o “pai da História²”. Os autores de relatos biográficos e autobiográficos eram Sila de Carianda e Íon de Quíos³.

Barrera (2001, p. 193) destaca que a historiografia, tanto a grega quanto a romana, tratava de assuntos político-militares basicamente. Dessa forma, a história se tornou um gênero inseparável de exercício e de reflexão sobre o poder (*arkhē*). Portanto, a historiografia estava direcionada aos homens que viviam na cidade e que estavam inseridos num contexto político em que a oratória tinha função importante nas arenas judiciais e políticas. Por serem os fatos tratados de forma cautelosa ao serem introduzidos nos discursos, a historiografia se tornou instrumento que auxiliaria nesse processo.

A falta de interesse em detalhes biográficos por parte dos Atenenses desse período pode estar associada, segundo Momigliano⁴, à indiferença aristocrática por esses detalhes, pois as circunstâncias privadas que se tornavam públicas eram exploradas pelos comediógrafos e oradores adversos ou demagogos. Desse modo, a

¹ Barrera, J. C. B. “Making History, Talking about History”. *History and Theory*, Wesleyan University, v. 40, n. 2, 2001, p. 190-205.

² Cf. Momigliano, A. “História e biografia” em Finley, M. I. (org.). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 181.

³ Cf. Momigliano (1998, p. 183-184).

⁴ Momigliano, A. *Génesis y Desarrollo de la Biografía en Grecia*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 49.

investigação histórica adquiriu mais influência, pois ela se dava pela narração crítica dos acontecimentos políticos e militares, e não dos indivíduos⁵.

Quanto à origem, tanto a historiografia quanto a biografia apresentam controvérsias. Surge um impulso em se considerar Homero⁶ e os poetas Simônides e Xenófanes, que escreveram sobre as fundações de cidades gregas, como os precursores dos historiadores. Entretanto, a diferença entre a história e a poesia épica estava no objetivo delas, pois a primeira buscava separar os fatos das fantasias do passado que a segunda reproduzia. Outra diferença entre esses gêneros está na forma: a historiografia foi escrita em prosa; a poesia épica, em versos (Momigliano, 1998, p. 182).

Com relação à origem da biografia, não há uma resposta categórica, pois qualquer relato, seja em verso ou em prosa, que exponha alguma narrativa acerca de um indivíduo, pode ser considerado uma elaboração biográfica. Momigliano (1986, p. 36) apresenta alguns fatores que podem ter contribuído para a criação da biografia, como as orações fúnebres e as árvores genealógicas⁷.

Como a história se preocupava com o coletivo e a biografia com o individual, devido aos seus caracteres distintos, esses gêneros buscavam objetivos diferentes, e seus leitores possuíam determinadas expectativas ao lerem as obras biográficas e históricas. Na biografia, por exemplo, eles encontrariam assuntos referentes à educação e ao caráter dos biografados, enquanto ao lerem um texto de caráter histórico, eles encontrariam relatos de guerras e de reformas políticas (Momigliano, 1986, p. 75).

Uma distinção entre esses gêneros se encontra no autor Xenofonte. A sua obra *Agésilau* foi escrita duas vezes: uma foi do ponto vista biográfico, enquanto a outra, do histórico, e, no caso da primeira, o aspecto biográfico aparece em forma de elogio ao

⁵ Sobre o desenvolvimento do gênero biografia, cf. Momigliano, 1986.

⁶ Alguns autores, como D.A. Russell (*Longinus: On the Sublime*. Oxford, 1964) e E. Gabba (“True History and False History in Classical Antiquity”. *JRS*, n. 71, p. 50-62, 1981), segundo Woodman (*Rhetoric in Classical Historiography*. London and New York, Routledge, 1988, p. 1-4), defendem que Homero possa ter sido o precursor de Heródoto, pois, no sentido estilístico do texto, Russell mostra que há várias passagens das *Histórias* que se assemelham a algumas da *Iliada*. Outro argumento trazido por Gabba é o fato de Heródoto utilizar Homero como fonte historiográfica. Dessa forma, o gênero historiográfico e o épico poderiam ser equivalentes. Segundo Momigliano (1998, p. 184), Heródoto considera Hecateu de Mileto como seu único predecessor.

⁷ Momigliano cita algumas obras que apresentam essas contribuições à biografia. As orações e cantos fúnebres aparecem na *Iliada* (XXIV, 720), quando Andrômaca, Hécuba e Helena lamentam a morte de Heitor, e, em Ésquilo, o coro aguarda que alguém cante um elogio ao Agamêmnon, já morto. Todavia, Momigliano diz que não há evidências de algo parecido com uma biografia que teria se desenvolvido a partir desses eventos cerimoniais. Através das árvores genealógicas, eram reconstituídas as famílias até os séculos VIII ou IX a. C., mas, também, esse interesse na genealogia não correspondeu a interesses pela biografia.

indivíduo⁸. Portanto, esse texto contribuiu para que se distinguísse um gênero do outro, visto que o caráter da historiografia era a abstenção de elogios e acusações. Assim, os textos biográficos não constituíam história, porém a história poderia conter pequenas narrações biográficas (Momigliano, 1998, p. 188).

Plutarco, biógrafo e autor de tratados sobre diversos assuntos, viveu durante o século I d. C. e mantém, em seus trabalhos, as distinções entre historiografia e biografia. Ele ratifica as opiniões acerca das características e objetivos desses gêneros herdado do século V a. C., pois ele próprio não se considerava um historiador, mas biógrafo. Vários autores⁹ citam um trecho de uma biografia escrita por ele, *Vida de Alexandre*, para demonstrar que, na introdução desta (*Plut. Alex.* 1, 1-2), ele não está fazendo um trabalho historiográfico, mas biográfico.

Neste livro estou escrevendo sobre a vida do rei Alexandre e de César, o qual Pompeu foi derrotado, e, devido ao grande número das ações que permaneceram, nenhuma outra eu direi de antemão e pedirei aos que sabem, se eu não informar tudo e cada um dos acontecimentos famosos com cuidado, pois resumo uma grande parte, não se enganem, pois não escrevo histórias [*historías gráphomen*], mas vidas [*bíous*]...^{10, 11}.

Com base nessa citação, verifica-se que o autor sabia qual gênero escrevia. Além disso, nela, há um aviso aos leitores de histórias para não se enganarem, pois outras pessoas já teriam reproduzido histórias sobre as batalhas em que Alexandre esteve presente. Depreende-se desse trecho que Plutarco somente narrará aos leitores as suas

⁸ Momigliano (1998, p. 188) destaca a possibilidade de haver elogios e acusações nas histórias das pequenas cidades (as crônicas locais), que não eram consideradas histórias como as de Heródoto ou Tucídides, já que estes narraram uma história que ultrapassava os limites da cidade.

⁹ Acerca da reprodução dessa introdução da *Vida de Alexandre*, cf. Momigliano, 1998, p. 182; Gentili, B. e Cerri, G. *History and Biography in Ancient Thought*. Amsterdam, J. C. Giebm, 1988, p.67; Funari, P. P. “Introdução a Plutarco”, em *Vidas de César: O divino Júlio, por Suetônio, e César, por Plutarco*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis B. Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 132. Neste último, o autor prefere associar as *Vidas* à filosofia e não à história.

¹⁰ Todas as traduções citadas, provenientes das biografias trabalhadas neste artigo, são de minha autoria.

¹¹ Τὸν Ἀλεξάνδρου τοῦ βασιλέως βίον καὶ τοῦ Καίσαρος, ὅφ’ οὗ κατελύθη Πομπήϊος, ἐν τούτῳ τῷ βιβλίῳ γράφοντες, διὰ τὸ πλῆθος τῶν ὑποκειμένων πράξεων οὐδὲν ἄλλο προερούμεν ἢ παρατηρήσμεθα τοὺς ἀναγνώσκοντας, ἐὰν μὴ πάντα μηδὲ καθ’ ἕκαστον ἐξειργασμένως τι τῶν περιβοήτων ἀπαγγέλλωμεν, ἀλλὰ ἐπιτέμνοντες τὰ πλείστα, μὴ συκοφαντεῖν. οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους...

batalhas de forma concisa. Entretanto, apesar de Plutarco dizer que não escreve histórias, ele, nessa obra, conseguiu fazer um trabalho investigativo de seu biografado, além de expor detalhes relativos ao caráter deste.

Portanto, verifica-se que existem diferentes opiniões a respeito do gênero biográfico e que é necessário observar com cuidado cada uma delas, pois se trata de um gênero que permite diversas interpretações.

Os erros e a retórica na biografia

Embora não seja objetivo deste trabalho julgar se determinada informação contida na *Vida de Demóstenes* está errada, é importante ressaltar que alguns dos relatos não podem ser verídicos. Na *Vida de César*, por exemplo, Funari (2007, p. 133) mostra que há divergências de datas e fontes nessa biografia, pois parecem ser mais coerentes as informações contidas nas obras de Suetônio e de Dião Cássio¹².

Os historiadores costumam fazer uma seleção dos relatos que lhes estão disponíveis. Grant¹³ demonstra que a limitação e a seleção são essenciais à habilidade do historiador, principalmente a do moderno, devido ao vasto material. Quanto à seleção, não há possibilidade de ela ser completamente objetiva, pois é inevitável a ocorrência de omissões, ênfases, escolhas pessoais nas situações do objeto de estudo e sequência dos fatos, e distorção. Dessa forma, não se obtém toda informação de qualquer historiador, principalmente dos antigos.

Essa seleção dos relatos pode ser oportuna à biografia, pois alguns desses caracteres de seleção se encontram na *Vida de Demóstenes*, como a escolha pessoal. Quando há duas possibilidades interpretativas quanto a algum fato na vida do biografado, Plutarco pode demonstrar subjetividade. No trecho a seguir, ele escolhe a segunda justificativa ao invés da primeira através do comparativo (*mállon*):

[Demóstenes] quis Iseu como seu preceptor para o discurso [...] porque, como alguns dizem, a remuneração estava limitada para

¹² A divergência se encontra no caso do choro de César, que é comparado ao de Alexandre.

¹³ Grant, M. *Greek and Roman Historians: Information and Misinformation*. Londres e Nova Iorque, Routledge, 2005, p. 40.

iniciar [os estudos] com Isócrates, [...] ou, principalmente (*mállon*), porque ele compreendia o discurso de Iseu como eficaz e hábil com relação à utilidade¹⁴.

Outra manifestação de seleção ocorre nas distorções, pois Plutarco utiliza um meio retórico, o *páthos*, em algumas circunstâncias na construção da biografia, como ocorre quando assume um tom de defesa de seu biografado:

Como diz Ésquines, insultando e acusando-o [Demóstenes] de ódio à filha, sendo aquele próprio vulgar (*agennḗs*) e efeminado (*malakós*); já que os lutos e as lamentações nossas e da alma do afetuoso faziam augúrios, Demóstenes repelia o fato de carregar esses sentimentos triste e suavemente¹⁵.

Não era somente um critério de escolha da informação que deveria ser levado em conta ao se fazer um trabalho historiográfico, pois havia vários. Por meio desses critérios, os historiadores utilizavam diversos materiais entre os quais eles, segundo Grant (2005, p. 35), faziam uma escolha criteriosa a partir da qual uma pesquisa ou mais deveriam ser seguidas. Porém a escolha poderia ser menos criteriosa, e, às vezes, poderiam adotar a probabilidade como critério. Devido aos relatos serem obtidos tanto via escrita quanto oral, os historiadores precisavam, principalmente neste último caso, de cuidado, pois poderia haver rumores nas informações obtidas oralmente (Grant, 2005, p. 38).

No caso do trabalho que Plutarco desenvolve, ele próprio diz no início da *Vida de Nícias* (1, 5) que não é uma tarefa fácil, pois, além de coletar as informações de obras notáveis, ele procura informações em autores pouco conhecidos, ou nos próprios biografados, pois alguns escreveram decretos ou cartas:

... as ações, que pelo menos Tucídides e Filisto publicaram, visto que não é possível omiti-las, pois, certamente, contêm em si o

¹⁴ Plut. *Dem.* 5, 6.

¹⁵ Plut. *Dem.* 22, 3.

modo e a disposição de ânimo do homem que foi envolvida por muitas e pelas maiores experiências. Discorrendo brevemente e sobre os assuntos necessários, a fim de que não me pareça negligente e preguiçoso completamente, eu examino reunindo as coisas que foram subtraídas, muitas que, esporadicamente, foram ditas por outros ou para maldições ou que foram descobertas através de decretos antigos, não recolhendo a história inútil, mas transmito a história para compreensão do caráter e do modo¹⁶.

Autores que antecederam a Plutarco, como Xenofonte e Isócrates, faziam suas narrações biográficas com enfoque encomiástico e idealizado. Desse modo, esses textos não eram bem considerados por alguns autores. Com relação à inserção de biografias no texto histórico, Gentili e Cerri (1988, p. 66) dão o exemplo do historiador Políbio, pois este não se manifestava contra a biografia dentro da história, desde que ela tivesse sentido dentro da obra e não estivesse ali para exaltar a imagem de determinado personagem. Para ele, era dever do historiador desenvolver a biografia dos personagens se as informações biográficas determinassem alguma ação política. As virtudes e os vícios deveriam ser apresentados objetivamente, razão pela qual Políbio rejeita os relatos que manifestam algum encômio.

Independentemente de sua retórica com fim encomiástico e da escassez de material de pesquisa¹⁷, se, por um lado, a biografia antiga pode conter erros, é importante salientar, por outro, que estes existem também na história. Os erros presentes na história antiga são causados, segundo Grant (2005, p. 83), pela indisponibilidade de material, pois este não era tão eficaz quanto o dos historiadores

¹⁶ Ἄς γοῦν Θεουκυδίδης ἐξήνεγκε πράξεις καὶ Φίλιστος, ἐπεὶ παρελθεῖν οὐκ ἔστι, μάλιστα γὰρ δὴ τὸν τρόπον καὶ τὴν διάθεσιν τοῦ ἀνδρὸς ὑπὸ πολλῶν καὶ μεγάλων παθῶν καλυπτομένην περιεχοῦσας, ἐπιδραμῶν βραχέως καὶ διὰ τῶν ἀναγκαίων, ἵνα μὴ παντάπασιν ἀμελῆς δοκῶ καὶ ἀργὸς εἶναι, τὰ διαφεύγοντα τοὺς πολλοὺς, ὑφ' ἑτέρων δ' εἰρημμένα σποράδην ἢ πρὸς ἀναθήμασιν ἢ ψηφίσμασιν εὐρημμένα παλαιοῖς πεπειράμαι συναγαγεῖν, οὐ τὴν ἄχρηστον ἀθροίζων ἱστορίαν, ἀλλὰ τὴν πρὸς κατανόησιν ἥθους καὶ τρόπου παραδιδούς.

¹⁷ Com relação à falta de material de pesquisa, Grant (2005, p. 80) escreve que Plutarco não se sobressaiu em desenvolver o caráter dos biografados, pois ele tinha a consciência de que não tinha em mãos as evidências suficientes para acessar a personalidade com tanta minuciosidade quanto ele gostaria.

modernos em relação às informações coletadas nas suas buscas, de modo que, os antigos podiam cometer erros, acidentais ou deliberados, com as suas informações.

A análise da biografia de Demóstenes, a seguir, não pretende identificar erros ou elogios com finalidade retórica. Serão apresentados aspectos historiográficos presentes nos relatos coletados por Plutarco e o cuidado que ele demonstrou ao expor as suas fontes. Com isso, pretende-se mostrar que, apesar de ele não ter se denominado historiador, como relatou na *Vida de Alexandre*, ele exerceu o trabalho de um.

A historiografia na *Vida de Demóstenes*

A *Vida de Demóstenes* pode ser comparada a um tipo de estrutura narrativa associada ao gênero demonstrativo, ou epidíctico, descrita na *Retórica*, de Aristóteles (1416b21), pois apresenta narração intermitente e nela é necessária a exposição de detalhes.

Essa estrutura narrativa é composta de duas partes: uma em que o autor não produz arte (*tékhnē*), ou seja, ele não é responsável pelos atos que está expondo, e outra em que ele a produz, e, dessa forma, ele demonstra a existência do fato, ou mostra o quanto este é incrível, ou a sua constituição, ou a sua importância, ou expõe todos esses aspectos juntos.

Ao analisar a biografia de Demóstenes, verificou-se que sua estruturação pode se encaixar nessa forma de escrita, pois algumas das fontes utilizadas por Plutarco contêm *tékhnē*, enquanto outras não.

As fontes que Plutarco utilizou são provenientes de relatos obtidos pela oralidade e pela escrita. As orais são identificadas pelos verbos *phánai* ou *légein* (ambos significam “dizer”, “falar”), enquanto as escritas aparecem através do verbo *historeîn*¹⁸, ou pelo substantivo *syngrapheús*, que é o termo que designa o historiador, pois o seu verbo, *syngráphein*, significa “tomar nota, registrar por escrito, ou, com um sentido mais técnico, redigir um projeto de lei, um contrato”¹⁹. Após observar as fontes,

¹⁸ O termo *historía* é utilizado por Heródoto para designar o gênero que ele registrou: o “inquerito”. No século IV, esse termo representava o que Heródoto havia feito: uma pesquisa científica de ocorrências do passado; cf. Momigliano (1998, P. 184).

¹⁹ Cf. Hartog, F. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 98.

verifica-se que Plutarco, na maioria das vezes, encontra mais oportunidade para criar discursos diretos com verossimilhança quando cita fontes que são provenientes da oralidade.

Desse modo, as fontes provenientes da oralidade influenciam a imaginação de Plutarco, enquanto as da escrita, não. É importante ressaltar que esse modelo retórico é frequente na biografia de Demóstenes, embora isso não signifique que todas as *Vidas* plutarquianas contenham esse aspecto. Por exemplo, na *Vida de Demóstenes*, Plutarco não costuma ser crítico nos relatos provenientes de autores que relataram por escrito, enquanto, na biografia de Alexandre, pelo contrário, ele consegue ser crítico com relação a historiadores²⁰.

No sétimo capítulo da *Vida de Demóstenes*, por exemplo, Plutarco expõe um discurso direto, que é um diálogo entre Demóstenes e seu amigo Sátiro. É introduzido, na primeira seção deste capítulo, o verbo “dizem”, em grego *phásin*, indicando um relato de fonte oral:

Outra vez, em um momento qualquer, dizem que o ator Sátiro, sendo amigo de Demóstenes, perseguiu-o e esteve junto do orador, quando este perdeu [o debate], lançando-se, transtornado, para sua casa e encontrando-se em dificuldade²¹.

Partindo da referência oral de que um amigo de Demóstenes o perseguiu, pois o orador havia perdido uma deliberação, Plutarco começa a construir o cenário para desenvolver o discurso direto: Demóstenes, após sofrer mais um fracasso na Assembleia²², estava transtornado (*synkekhyménou*) e em dificuldade (*baréōs*). A partir de referência oral em diante, Plutarco continua sua narrativa com ocorrências verossímeis, pois o biografado, por estar transtornado, lamenta-se para seu amigo

²⁰ Segundo Peeling (“Plutarch and Thucydides” em Stadter, P. A. (ed.), *Plutarch and Historical Tradition*. Canada & EUA, Routledge, 2002, p. 11-16), Plutarco coleta para a *Vida de Nícias* material vindo de Tucídides e de outras fontes, mas é difícil separar o que veio do primeiro do que pertence a outros autores. A biografia de Nícias mostra que Plutarco conhece o texto de Tucídides de primeira mão, e que as suas informações vêm diretamente do texto, porém há algumas passagens que não são encontradas em Tucídides, mas que podem ser uma leitura interpretativa que Plutarco fez de Tucídides.

²¹ Plut. *Dem.* 7: Ἰπάλιν δέ ποτέ φασιν ἐκπεσόντος αὐτοῦ καὶ ἀπίοντος οἴκαδε συγκεχυμένου καὶ βαρέως φέροντος, Ἐπακολουθῆσαι Σάτιρον τὸν ὑποκριτὴν ἐπιτήδειον ὄντα καὶ συνεισελθεῖν.

²² Essa foi a segunda tentativa de deliberação de Demóstenes, e Plutarco só apresenta duas tentativas. Sobre a primeira tentativa, cf. Plut. *Dem.* 6, 3.

(*odyroménou de toú Dēmosthénous pròs autón*). No trecho a seguir é escrito o discurso indireto, pois o biógrafo expõe a lamentação de Demóstenes e os motivos dele para tal ação:

Quando Demóstenes lamenta-se ao seu amigo, dizendo que, sendo ele o mais ativo de todos os oradores e desejando um pouco extrapolar a capacidade máxima de seu corpo para isso, não tem respeito do povo, mas que, por outro lado, os marinheiros embriagados e sem educação são ouvidos e detêm a tribuna, enquanto ele é desdenhado²³.

Em seguida, Plutarco expõe o discurso direto de Sátiro, que concorda com a opinião de Demóstenes:

“Dizes a verdade, Demóstenes,” diz o Sátiro “mas eu cuidarei da origem disso imediatamente, se, porventura, tu quiseses falar de sua boca qualquer uma das citações de Eurípidés ou de Sófocles para mim”²⁴.

A partir dessa análise, verifica-se que o biógrafo tem êxito ao elaborar uma fala coerente a partir da informação que ele obteve via oralidade, e esse discurso direto indica uma interpretação ou leitura que Plutarco fez do relato. Verifica-se, portanto, que houve uma arte, no sentido em que Aristóteles utiliza o termo *tékhnē*, para a construção da biografia plutarquiana nesse trecho²⁵.

O verbo *historeîn*, por sua vez, pode ocorrer tanto sozinho, quando ele está se referindo a algum relato escrito, quanto de forma antitética aos verbos *légein* ou *phánai*.

²³ Plut. *Dem.* 7, 2: Ὀδυρομένου δὲ τοῦ Δημοσθένους πρὸς αὐτόν, ὅτι πάντων φιλοπονώτατος ὢν τῶν λεγόντων καὶ μικροῦ δέων καταναλωκέναι τὴν τοῦ σώματος ἀκμὴν εἰς τοῦτο, χάριν οὐκ ἔχει πρὸς τὸν δῆμον, ἀλλὰ κραιπαλῶντες ἄνθρωποι ναῦται καὶ ἀμαθεῖς ἀκούονται καὶ κατέχουσι τὸ βῆμα, παρορᾶται δ' αὐτός.

²⁴ Plut. *Dem.* 7, 3: “Ἀληθῆ λέγεις, ὦ Δημοσθένης,” φάναι τὸν Σάτυρον “ἀλλ' ἐγὼ τὸ αἴτιον ἰάσομαι ταχέως, ἄν μοι τῶν Εὐριπίδου τινὰ ῥήσεων ἢ Σοφοκλέους ἐθελήσης εἰπεῖν ἀπὸ στόματος.”

²⁵ Outros trechos em que há discursos diretos introduzidos por verbos que indicam oralidade: Plut. *Dem.* 8, 4; 8, 5; 9, 4; 9, 5; 26, 6.

Quando o verbo *historeîn* ocorre sozinho, Plutarco simplesmente narra o relato sem fazer interferências, como no trecho a seguir²⁶:

Demóstenes, o pai de Demóstenes, estava entre os homens belos e virtuosos, como relata Teopompo; também, ele era chamado de fabricante de facas, por possuir uma grande oficina e artesãos escravos, que fazem este objeto²⁷.

Pode-se inferir da citação acima que há uma correlação entre as predicções do pai de Demóstenes (*Ἐν μὲν τῶν καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἀνδρῶν [...] ἐπεκαλεῖτο δὲ μαχαιροποιός*) por causa das partículas *mén* e *dé*, porém a última não interfere no relato de Teopompo, e, em razão disso, Plutarco não acrescentou nenhuma objeção ao que escrevera Teopompo ou algo que fosse oriundo de sua interpretação pessoal. Entretanto, o biógrafo, ao mencionar o relato de Ésquines, não procede com o mesmo procedimento:

Porém, das coisas que o orador Ésquines fala a respeito da mãe de Demóstenes, de que ela teria nascido de um tal Gilón, um homem que fugiu da cidade por causa de traição, e de uma mulher bárbara, não somos capazes de dizer se ele fala de forma verdadeira ou se está difamando e mentindo²⁸.

Plutarco, com base nas palavras de Ésquines, demonstra incerteza quanto à verdade. Apesar de Ésquines tê-las dito, as suas palavras demonstram ao biógrafo certa incredibilidade, devido às desavenças entre Ésquines e Demóstenes. Dessa forma, com

²⁶ Somente há uma passagem na *Vida de Demóstenes* (14, 4) em que Plutarco consegue construir um discurso com um relato proveniente do *historeîn*. Nesse caso, entretanto, pode se tratar de um discurso que foi copiado literalmente do autor de origem, ou de uma interpretação do autor.

²⁷ Plut. *Dem.* 4, 1: Δημοσθένης ὁ πατήρ Δημοσθένους ἦν μὲν τῶν καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἀνδρῶν, ὡς ἱστορεῖ Θεόπομπος, ἐπεκαλεῖτο δὲ μαχαιροποιός ἐργαστήριον ἔχων μέγα καὶ δούλους τεχνίτας τοὺς τοῦτο πράττοντας.

²⁸ Plut. *Dem.* 4, 2: Ἄ δ' Αἰσχίνης ὁ ῥήτωρ εἶρηκε περὶ τῆς μητρὸς, ὡς ἐκ Γύλωνός τινος ἐπ' αἰτίᾳ προδοσίας φεύγοντος ἐξ ἄστεος γεγόνοι καὶ βαρβάρου γυναικός, οὐκ ἔχομεν εἰπεῖν εἴτ' ἀληθῶς εἶρηκεν εἴτε βλασφημῶν καὶ καταγευδόμενος.

base na informação da fala de Ésquines (representada pelo *eirēke*), Plutarco consegue desenvolver sua posição crítica, ou seja, ele traz certa *tékhnē* ao seu texto.

Há passagens na *Vida de Demóstenes* que apresentam mais de um relato que Plutarco conseguiu encontrar a respeito de determinado assunto. No trecho a seguir, por exemplo, ele narra sobre a educação de Demóstenes, e, nessa exposição de relatos, aparecem duas opiniões acerca da educação do biografado, que são identificadas pelas conjunções *eíte... eíte*:

[Demóstenes] quis Iseu como seu preceptor para o discurso, ainda que Isócrates fosse o mestre naquele tempo, porque, como alguns dizem, ou, a remuneração estava limitada para iniciar [os estudos] com Isócrates, pois Demóstenes não possuía o valor de dez minas, por causa da orfandade, ou, principalmente, porque ele compreendia o discurso de Iseu como eficaz e hábil com relação à utilidade²⁹.

Verifica-se que Plutarco adquiriu essas informações pela oralidade, que estão representadas pela expressão *tínes légousi*. Nesse caso, o autor não demonstra preferência pela primeira opinião, mas pela segunda, pois esta é introduzida pelo comparativo *mállon*.

Há também passagens - que podem ocorrer com relação a mais de um relato - em que Plutarco demonstra preferência pelo conteúdo que ele introduz por *historéîn*. No trecho a seguir, por exemplo, não aparece esse verbo, mas o substantivo que denota “historiador” (*syngrapheús*):

Imediatamente, Alexandre pediu que lhe enviassem dez demagogos, segundo dizem Idomeneu e Dúris, mas, segundo a maioria e os mais estimados dos historiadores dizem, foram oito,

²⁹ Plut. *Dem.* 5, 6: Ἐχρήσατο δ' Ἰσαίῳ πρὸς τὸν λόγον ὑφηγητῆ, καίπερ Ἰσοκράτους τότε σχολάζοντος, εἴθ' ὡς τινες λέγουσι τὸν ὠρισμένον μισθὸν Ἰσοκράτει τελέσαι μὴ δυνάμενος τὰς δέκα μνᾶς διὰ τὴν ὀρφανίαν, εἴτε μᾶλλον τοῦ Ἰσαίου τὸν λόγον ὡς δραστήριον καὶ πανοῦργον εἰς τὴν χρεῖαν ἀποδεχόμενος.

que são estes: Demóstenes, Polieucto, Efiates, Licurgo, Morócleos, Demos, Calístenes e Caridemo³⁰.

Nesse trecho, há indícios da preferência de Plutarco pelo relato de natureza historiográfica, pois ele caracteriza-o como escrito pela maioria (*hoi pleístoi*) e mais estimados (*dokimōtatoi*) historiadores, não sendo mencionados seus nomes pelo biógrafo. Assim, verificamos a força que a natureza desse tipo de fonte possui, pois, além de ser a mais utilizada por historiadores, ela foi relatada não por historiadores comuns, mas pelos que estão no nível dos melhores.

Poderíamos concluir que Plutarco, enquanto autor de biografias, demonstra preferência aos relatos provenientes de relatos históricos e não faz objeções a eles, como exemplificado em *Dem.* 4, 1. Todavia, esse procedimento de Plutarco na *Vida de Demóstenes* não ocorre da mesma maneira na *Vida de Alexandre*, pois ele, nessa biografia, consegue se posicionar criticamente em relação aos relatos oriundos de historiadores, enquanto na outra, não.

Na biografia de Alexandre, o biógrafo expõe o relato histórico, e, como na *Vida de Demóstenes*, ele pode não fazer objeções. Porém, quando há mais de um relato a respeito de determinado assunto, Plutarco consegue se posicionar criticamente com relação aos historiadores. Por exemplo, durante a narração da expedição de Alexandre contra Dario, o autor mostra o seguinte:

A rapidez de seu avanço na Panfília deu motivo a que diversos historiadores [*historikōn*] exagerassem os fatos e os convertessem em milagres, a fim de impressionar os espíritos. Narram eles que o mar, por favor divino, se retraiu diante de Alexandre, embora seja geralmente muito tempestuoso nessa costa perpetuamente batida pelas ondas e raramente deixa a

³⁰ Plut. *Dem.* 23, 4: Εὐθύς δ' ὁ Ἀλέξανδρος ἐξήτει πέμπων τῶν δημαγωγῶν δέκα μὲν ὡς Ἴδομενεὺς καὶ Δοῦρις εἰρήκασιν, ὀκτώ δ' ὡς οἱ πλεῖστοι καὶ δοκιμώτατοι τῶν συγγραφέων, τούσδε· Δημοσθένην, Πολύευκτον, Ἐφιάλτην, Λυκοῦργον, Μοιροκλέα, Δήμωνα, Καλλισθένην, Χαρίδημον.

descoberto as pontas dos recifes que cercam a margem, ao pé dos cumes escarpados das montanhas³¹.

Após esse relato, Plutarco expõe a outra versão do que aconteceu, dizendo que o próprio Alexandre escreveu em suas cartas o que havia acontecido, e que este não menciona nenhuma ocorrência divina: “Mas o próprio Alexandre [*autòs dè Aléxandros*], que não engana [*terateusámenos*] em suas cartas com tal dito, diz que abriu caminho na conhecida Escada e que a atravessou após ele ter saído de Fasélis³²”. Assim, Plutarco demonstra preferência, nesse trecho, pelo relato de Alexandre, pois caracteriza o seu biografado como uma pessoa que não engana.

Há outras passagens na *Vida de Alexandre* em que Plutarco, com base nas cartas escritas pelo biografado, critica relatos historiográficos ou provenientes da oralidade³³. Na *Vida de Demóstenes*, verifica-se, em algumas posições críticas com relação aos relatos de Ésquines, como em *Dem.* 4, 2, que Plutarco poderia ter tido acesso aos escritos de Demóstenes, como o *Sobre a Falsa Embaixada*³⁴, em que o biografado diz que Ésquines havia cometido vários erros e que merecia um grande castigo³⁵. Dessa forma, com esse ambiente hostil, Ésquines poderia estar caluniando Demóstenes.

De acordo com os exemplos dados, Plutarco consegue demonstrar vários tipos de trabalhos historiográficos. A partir da exposição de seus relatos, podem ser verificados procedimentos que indicam um trabalho de historiador, pois ele consegue criar discursos diretos, fundamentando-se em sua interpretação de uma fonte oral, ou inserir suas opiniões preferenciais quando vinham mais de um relato sobre determinado assunto. No caso da *Vida de Demóstenes*, Plutarco pode ou não manifestar essas preferências, e quando aparecem relatos históricos, ele se posiciona preferencialmente a

³¹ Plut. *Alex.* 17, 3: Τούτοις ἔπαρθεις ἠπειγέτο τὴν παραλίαν ἀνακαθήρασθαι μέχρι τῆς Φοινίκης καὶ Κυλικίας, ἢ δὲ τῆς Παμφυλίας παραδρομὴ πολλοῖς γέγονε τῶν ἱστορικῶν ὑπόθεσις γραφικὴ πρὸς ἔκπληξιν καὶ ὄγκον, ὡς θεῖα τινὶ τύχῃ παραχωρήσασαν Ἀλεξάνδρῳ τὴν θάλασσαν, ἄλλως αἰεὶ τραχεῖαν ἐκ πελάγους προσφερομένην, σπανίως δὲ ποτε λεπτοῦς καὶ προσεχεῖς ὑπὸ τὰ κρημνώδη καὶ παρερρωγῶτα τῆς ὄρεινῆς πάγου διακαλύπτουσαν.

³² Plut. *Alex.* 17, 4.

³³ Sobre as cartas de Alexandre e a credibilidade que Plutarco dá a elas, cf. Plut. *Alex.* 20, 4; 7, 3. E sobre várias opiniões com o *historiôn*, cf. Plut. *Alex.* 15, 1.

³⁴ Discurso escrito por Demóstenes. Demóstenes acusa Ésquines porque este não havia prestado suas contas quando voltou da Embaixada realizada na Macedônia.

³⁵ Cf. Demóstenes, *De falsa legatione*, 19.

estes. Entretanto, nesses relatos de caráter historiográfico, ele não procede da mesma maneira na biografia de Alexandre, pois Plutarco dá preferência às cartas que ele lê do próprio biografado. Provavelmente, tal procedimento que Plutarco fez na *Vida de Alexandre* deve-se ao fato de haver mais conteúdo autobiográfico. Na *Vida de Demóstenes* há a preferência por esse tipo por haver, talvez, menos informações pessoais nos discursos do biografado, ou esses relatos podem ser provenientes de historiadores que comentaram sobre Demóstenes, com base em seus discursos.

Conclusão

Definidas enquanto gêneros, a história e a biografia são diferentes, pois elas se caracterizam pelos seus objetivos diferentes. Entretanto, pelo menos em Plutarco, houve um elemento que relaciona diretamente biografia e história: a investigação. Nas biografias dos espartanos, Silva³⁶ identificou essa mesma característica. Enquanto vários autores não consideram esse valor historiográfico na biografia, verifica-se que, nas biografias plutarquianas, pelo menos, ele está explícito, pois, como foi esclarecido, Plutarco fez um trabalho de busca e de escolhas e, de acordo com o que lhe estava disponível, conseguiu apresentar posicionamentos críticos e, no caso da *Vida de Alexandre*, chegou a criticar relatos provenientes da historiografia ou da oralidade, fundamentando-se nas cartas de seu biografado.

Independentemente de serem equivocadas as informações apresentadas pelo biógrafo, é interessante ver como foi o processo da construção de cada biografia e o cuidado que o autor teve com suas escolhas e com suas posições. Ele não negava o relato escrito, mas, se podia criticá-lo, fazia-o e apoiava-se no próprio biografado para fazê-lo, ou seja, houve certa sensatez do biógrafo para o desenvolvimento de suas biografias. Nos casos em que ele tinha a oportunidade de tornar mais verossímeis as situações com discursos diretos, verifica-se uma possível interpretação das informações que Plutarco obteve via oralidade.

Outra questão importante é que Plutarco não compõe todas as suas biografias de forma idêntica em relação às suas fontes bibliográficas. Nas biografias de Demóstenes e

³⁶ Silva M.A.O. *Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas*. São Paulo, EdUSP, 2006

de Alexandre, podemos traçar alguns tratamentos semelhantes, mas uma diferença interessante é o posicionamento crítico que o biógrafo possui contra os historiadores, ou outras fontes, que falaram de Alexandre, o que não ocorre na *Vida de Demóstenes*, com exceção dos relatos de Ésquines.

Portanto, esses procedimentos distintos de uma biografia a outra sugerem que houve falta de informações autobiográficas de Demóstenes através de seus discursos, pois as dúvidas de Plutarco a respeito das informações de Ésquines indicam que ele teve contato com as obras de seu biografado, ou, também, é possível que a falta de objeções de Plutarco em relação às informações de caráter historiográfico pode estar relacionada à presença destas nos próprios discursos de Demóstenes e, dessa forma, Plutarco não necessitou se posicionar a elas, já que seriam essas mesmas informações que foram utilizadas pelos historiadores.